

Coleção

Temas em Movimento

7

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE:
convergindo para novos caminhos...

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE:

convergindo para novos caminhos...

EDITORA
UDESC

7



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-8302-030-9



9 788583 020509

JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO
EDISON ROBERTO DE SOUZA
VALMOR RAMOS
JÚLIO CESAR SCHMITT ROCHA
Organizadores

JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO
EDISON ROBERTO DE SOUZA
VALMOR RAMOS
JÚLIO CESAR SCHMITT ROCHA

Organizadores



Antonio Heronaldo de Sousa
Reitor

Marcus Tomasi
Vice-Reitor

Alexandre Amorim dos Reis
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Mayco Morais Nunes
Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Comunidade

Amauri Bogo
Coordenador Editora da UDESC

Paulo Henrique Xavier de Souza
Diretor Geral
Centro de Ciências da Saúde e do Esporte

JUAREZ VIEIRA DO NASCIMENTO
EDISON ROBERTO DE SOUZA
VALMOR RAMOS
JÚLIO CESAR SCHMITT ROCHA
Organizadores

COLEÇÃO TEMAS EM MOVIMENTO

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE:

convergingo para novos caminhos...

Volume 7

Florianópolis
2015

A **Coleção Temas em Movimento** é uma publicação da Editora da UDESC, composta por um conselho editorial interinstitucional, que objetiva divulgar as pesquisas realizadas sob diferentes perspectivas na área de Educação Física e Esportes, para aprofundar aspectos conceituais e metodológicos da profissão, bem como contribuir para a aproximação entre a comunidade científica e à prática pedagógica em diferentes contextos de intervenção.

Conselho Editorial

Adriana Coutinho Azevedo Guimarães - UDESC

Christi Noriko Sonoo - UEM

Flávio Medeiros Pereira - UFPEL

Joice Mara Facco Stefanello - UFPR

Luiz Sérgio Peres - UNIOESTE

Marcos Augusto Rocha - UEL

Viktor Shigunov - UFSC

Zenite Machado - UDESC

Edição revisada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 16 de dezembro de 1990.

E24 Educação física e esporte : convergindo para novos caminhos / Juarez Vieira do Nascimento ... [et al.] organizadores. – Florianópolis : Ed. da UDESC, 2015.
551 p.: il. – (Temas em movimento, v.7)

Inclui referências
ISBN: 978-85-8302-050-9

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Crianças. 3. Assédio nas escolas.
4. Professores de educação física – Formação. 5. Esportes – Aspectos sociais.
6. Qualidade de vida. I. Nascimento, Juarez Vieira do.

CDU: 796.015

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Projeto gráfico, diagramação e capa
Rita Motta - Editora Tribo da Ilha

Impressão
Gráfica e Editora Copiart

Apresentação

O livro *Educação Física e Esportes: convergindo para novos caminhos* resulta do esforço conjunto de profissionais e investigadores, de diferentes áreas do conhecimento, que atuam em núcleos ou grupos de pesquisa de diferentes instituições de ensino superior. Além de manifestarem a parceria e a cumplicidade no espaço de expressão da língua portuguesa, os autores convidados apresentam importantes contribuições para melhoria da qualidade da intervenção pedagógica em Educação Física e Esportes.

Ao pertencer a Coleção Temas em Movimento, a presente obra foi idealizada para divulgar as pesquisas realizadas e aprofundar aspectos conceituais e metodológicos da formação e prática pedagógica em Educação Física e Esportes. Assim, ela abre espaço para o debate e reflexão de quatro eixos temáticos, nomeadamente a Educação Física Escolar, a Violência e o Bullying, a Formação Profissional e a Pedagogia do Esporte.

A Educação Física Escolar é abordada no primeiro eixo temático, considerando a escola enquanto espaço tradicional de

Sumário

- 37 **PARTE 1**
Educação física escolar
- 39 O currículo multicultural da Educação Física
Marcos Garcia Neira
- 61 Educação Física e interdisciplinaridade: estado da arte
Suraya Cristina Darido, Aline Fernanda Ferreira, Fernanda Moreto Impolcetto, Ana Livia Gorgatto Fraiha, Affonso Manoel Righi Lang, Ricardo Ducatti Colpas
- 83 Inclusão: incidentes críticos em escolas portuguesas
Judite Maria Zamith Cruz
- 129 O corpo e o jogo na escola: o olhar docente e a teoria vigente
Edison Roberto de Souza, Nathália Cristina Mathos, Rodolfo da Silva Rosa, Ana Flávia Backes, Patrícia dos Anjos Souza
- 149 A Educação Física no ensino profissional: um estudo exploratório na ginástica em estudantes do 12º ano
César Sá, Sílvia Marinho, Beatriz Oliveira Pereira

- 169 Os pensamentos e as decisões interativas dos professores de Educação Física
Paulo Pereira, Fátima Bento, Beatriz Oliveira Pereira
- 39 Efeito da atividade físico-desportiva orientada sobre a aptidão física das crianças que frequentam o 1º ciclo do ensino básico
João Júlio Serrano, João Manuel Petrica, Maria Helena Mesquita, Victor Farinha
- 191 **PARTE 2**
Violência e bullying
- 193 O olhar da criança sobre a proteção do bullying em meio escolar
Beatriz Oliveira Pereira, Fernando Marcelo Melim, Marcela Almeida Zequinão, Lélío Moura Lourenço
- 213 Ocorrências de bullying em escolas públicas – do Ensino Fundamental ao Ensino Médio – como prevenir, como intervir?
João Eloir Carvalho, Beatriz Oliveira Pereira
- 233 Bullying escolar: intervenções de adultos diante do relato de estudantes vitimizados
Marta Angélica Iossi Silva, Julliane Messias Cordeiro Sampaio, Jorge Luiz da Silva, Wanderlei Abadio de Oliveira

- 251 Relação entre espaços para o recreio e ocorrência de bullying entre escolares
Paulo Cesar de Barros
- 271 Estratégias pedagógicas no trato com a indisciplina na Educação Física escolar
Antonio Sérgio Santos Sant'Ana, Juarez Vieira do Nascimento, Edson Souza de Azevedo
- 293 **PARTE 3**
Formação profissional
- 295 A Formação de Profissionais de Educação Física: modelos de preparação para a prática
João Manuel Petrica, João Júlio Serrano
- 307 Perspectivas da formação docente para Educação Básica
Alba Regina Battisti de Souza, Edison Roberto de Souza
- 327 Diálogo na formação do professor de Educação Física: da ação pluridisciplinar à ação transdisciplinar
Ana Maria Alvarenga, Silvio Aparecido Fonseca, Emília Peixoto Vieira, Gelcemar Oliveira Farias, Juarez Vieira do Nascimento
- 341 Trabalho docente na formação de professores de Educação Física: aproximações com a epistemologia...
Ricardo Rezer

357 | A formação profissional para treinadores de surf no Brasil
Vinicius Zeilmann Brasil, Valmor Ramos, Michel Milistetd, Larissa Rafaela Galatti, Juarez Vieira do Nascimento

383 | Autoeficácia discente e o comportamento de estudantes no Ensino Superior
William das Neves Salles, Juarez Vieira do Nascimento, Júlio Cesar Schmitt Rocha

405 | **PARTE 4**
Pedagogia do esporte

407 | Pedagogia do esporte: pressupostos para a organização de conteúdos esportivos na escola de tempo integral
Gisele Viola Machado, Larissa Rafaela Galatti, Riller da Silva Reverdito, Roberto Rodrigues Paes

• 427 | Educação física e desporto para crianças e jovens boas práticas: da Educação Física ao desporto
Maria Isabel Cabrita Condessa

451 | O ensino dos esportes por competências: proposta pedagógica do Instituto Guga Kuerten na perspectiva dos quatro pilares da educação
Valmor Ramos, Jeferson Rodrigues de Souza Marcelo Bittencourt Neiva de Lima, Vinicius Zeilmann Brasil, Ciro Goda

475 | Os cartões de recurso pedagógico nas atividades de iniciação esportiva
Michel Angillo Saad, Alexandra Folle, Edison Roberto de Souza

489 | Reflexões metodológicas do ensino para o processo de iniciação esportiva das lutas
Larissa Rafaela Galatti, Carolina Cirino, Alcides José Scaglia

513 | Modelo dualístico da paixão: um olhar no processo de aderência ao esporte
Lenamar Fiorese Vieira, Marcus Vinicius Mizoguchi, Andressa Ribeiro Contreira, Patricia Carolina Borsato Passos, Luciane Cristina Arantes da Costa

531 | A etnologia no surfe: compreendendo seus elementos estruturais e suas nomenclaturas
Edison Roberto de Souza, Sidney Ferreira Farias, Vinicius Zeilmann Brasil, William das Neves Salles

Educação Física e desporto para crianças e jovens boas práticas: da Educação Física ao desporto

Maria Isabel Cabrita Condessa

Introdução

Na sociedade contemporânea realçam-se um grupo de práticas físicas e motoras organizadas com o propósito de garantir o desenvolvimento da criança e, consequentemente, o enriquecimento da sua motricidade. Mesmo as atividades mais simples, com um caráter lúdico e sócio recreativo, têm um contributo positivo na infância e na adolescência, fases que se caracterizam por ser simultaneamente ricas em oportunidades e em situações críticas. Nesta fase de vida estas práticas exercem influência nas crianças e jovens, na sua capacidade de superação física e mental, na aceitação de comportamentos e valores sociais, assim como, na criação de hábitos de vida essenciais ao seu bem estar.



A conjugação do instinto de sobrevivência, necessária à adaptação do meio ambiente, com a racionalidade, característica específica da humanidade, concedeu ao "Homem" condições de vida compatíveis com as suas aspirações e capacidade de realização. Pela relação meio-indivíduo-sociedade, enquanto estrutura básica da existência humana, o homem demarca-se da sua dimensão biológica e constrói o seu futuro através da "educação".

Na verdade, já a Convenção das Nações Unidas, de 20 de novembro de 1989, sobre os Direitos da Criança colocava o direito à educação como determinação fundamental da infância e, mais recentemente (2004), a própria UNICEF decidiu mobilizar os seus recursos para conseguir resultados para as crianças, em seis áreas de intervenção prioritária de onde se destaca a educação. É por isso que quando falamos na prática física ou desportiva falamos de um direito, no sentido de permitir que se obtenha um dos principais objetivos da educação: promover o desenvolvimento da personalidade da criança, dos seus dons e aptidões mentais e físicas, na medida das suas potencialidades.

Neste período, a análise da educação deve-se realizar considerando, mais do que nunca, as crianças e jovens como um todo bio-psico-sociologicamente indivisível, com uma personalidade em interação com o seu envolvimento. No envolvimento criado pelo contexto educativo, contamos com vários intervenientes para além da família, relevando-se a comunidade e a escola.

A prática física regular – proporcionada na educação física escolar ou nas práticas desportivas, em contexto escolar ou federado – tem uma interessante inter-relação com as capacidades físico-motoras e sócio cognitivas do indivíduo. Estas práticas revertem-se em programas que

sofrem amplas e profundas alterações ao longo da infância, para posteriormente, na idade adulta, assumirem características mais relacionadas com a procura do bem estar e do divertimento.

Inicialmente são inúmeras as condicionantes que interferem na capacidade da criança e do jovem para a prática física e desportiva: os fatores biológicos (genética, puberdade, maturação e crescimento); os fatores de envolvimento que condicionam a prática, as experiências, as oportunidades e o encorajamento, mas também, os fatores de interação do biológico com o envolvimento que se resume à experiência alcançada durante o período de desenvolvimento (THOMAS; GALLAGHER; THOMAS, 2002).

Neste sentido, Sérgio (1991, p. 58) deixa claro que

Não é só com onze jogadores que se faz uma equipa, mas com onze jogadores que se relacionam e se subordinam à exigência do todo (...) E assim uma equipa coesa não nasce de um dia para o outro. Faz-se e... demora tempo!

Rossetti-Ferreira et al. (2008: p. 23-24) seguindo a perspetiva ecológica de desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1977), segundo a qual o desenvolvimento ocorre mediante processos progressivamente mais complexos, através dos quais as propriedades das pessoas e do ambiente interagem, recorreram então à metáfora da REDE. Nesta rede, as pessoas estão imersas numa malha que garante uma ligação entre elas e entre elas e os contextos específicos. No nosso caso particular, esta rede contribuirá para circunscrever os caminhos possíveis de desenvolvimento de cada indivíduo em prática, assim como, do desenvolvimento dos outros e da situação lúdica e desportiva com que são confrontados.

Independentemente da idade, género, origem sócio cultural a criança é uma pessoa, um ser humano complexo, com unidade, que se constrói com o outro e o mundo. Os processos de desenvolvimento das crianças e jovens, inicialmente inscritos numa vertente pessoal, sistema integrado de decursos evolutivos que se prendem inicialmente com a sua *dimensão física e motora* (caraterísticas morfológicas, capacidades coordenativas e de aptidão física, nível de desempenho motor e performance) e a sua *dimensão psicológica* (capacidades emocionais, percetivas e cognitivas; persistência; atitude e auto-responsabilização; motivação para a prática). Em simultâneo são confrontados com a *dimensão social*, em que a cultura e o social se tornam reguladores dos significados das práticas de atividades físicas e desportivas realizadas. Só as interações entre a criança e os contextos, que ocorrem regularmente e perduram durante períodos prolongados de tempo, terão impacto no seu desenvolvimento.

Diversos autores, uns na área do desenvolvimento motor (NETO, 1995; GALLAHUE, 2002, HAYWOOD; GETCHELL, 2004), outros, na área da aprendizagem motora (SCHMIDT, 1988; THOMAS; GALLAGHER; THOMAS, 2002) consideraram que, partindo-se do conhecimento de como o aluno se desenvolve, se movimenta, das suas capacidades físicas e de processamento de informação, se pode conhecer como ele aprende e como pode aprender melhor, como se motiva e adere à atividade, como melhora os processos cognitivos envolvidos e atinge o sucesso psicomotor e atlético. Na esteira deste argumento, Melo de Carvalho (2010, p. 17) refere

“... não pode existir educação completa sem a presença do desporto correctamente orientado.”

Por isso, ainda segundo este mesmo autor (ibidem, 2010, p. 17)

“...a questão da concepção que orienta a prática e as condições materiais e culturais em que se realiza, constituem os elementos centrais de uma educação desportiva capaz de contribuir para lutar contra a crise de valores que constitui um traço característico da sociedade actual.”

As boas práticas: a importância do papel da escola na prática física e desportiva infantojuvenil

Neste capítulo propomo-nos a abordar algumas das interações fundamentais para a compreensão da importância da educação física e desporto na vida das crianças e jovens da sociedade contemporânea, relevando o lugar da escola por aí se criarem oportunidades únicas de vivências de atividade física e o desporto.

A escola, enquanto instituição que deve criar condições educativas equitativas, assume um papel muito importante numa prática de desporto que se deseja verdadeiramente educativa. Deve-se atribuir à escola, numa perspetiva presente e futura, um maior papel de orientação e de intervenção de prática física e desportiva das crianças e jovens, apetrechando-a com recursos humanos, técnicos e materiais que possibilitem uma participação ativa e participada dos alunos em práticas coeducativas, que constituam uma variável estruturante dos hábitos educativos da população em geral.

Em pleno século XXI, a realidade portuguesa quanto à adesão à prática de desporto é ainda um pouco “negra”,

mesmo quando a educação física oferecida na escolaridade obrigatória, permite ao jovens terem acedido à cultura física e desportiva. Além disso, sabemos que a qualidade e a diversidade das oportunidades de prática em atividades físicas nas escolas, desde o início do ensino básico, em muitos casos tenderão a influenciar os comportamentos futuros dessas crianças, já que é ainda elevado o número daqueles que não praticam atividades em quaisquer clubes desportivos (CONDESSA, 2008). Na verdade, a prática desportiva contínua a estar ausente da vida de uma percentagem muito significativa dessas crianças e jovens e exige-se que se faça um esforço para mudarmos os seus comportamentos e ultrapassarmos a prática exclusiva de desporto de "sofá", típica de um sedentarismo crescente.

Nas primeiras idades a educação física, permite estabelecer uma articulação entre o desenvolvimento global da motricidade realizado na educação de infância, com o desenvolvimento motor específico efetuado no 1º ciclo do ensino básico, que joga um duplo sentido:

- no contributo positivo para o desenvolvimento multilateral e estruturação do comportamento motor da criança;
- na valorização pedagógica das expectativas das crianças.

Ao educador/ professor cabe a responsabilidade de fazer com que na escola o desenvolvimento motor da criança se construa através dos planos curriculares de ação, dos projetos extracurriculares e, fundamentalmente, dos recursos de aprendizagem postos à sua disposição. Há que proporcionar variadas ocasiões para a prática, em "experiências" que se caracterizem por serem:

- i. segundo Chen, Darst e Pangrazi (2001) - experiências inovadoras, de complexidade gradual, com solicitação da atenção; momentaneamente e divertidas; que possibilitem a descoberta e a exploração por parte das crianças;
- ii. de acordo com Martin (2003) - experiências activas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras;
- iii. e, para Metzler (2005) - experiências de qualidade, sequenciais, cumulativas, multilaterais, individuais.

Na verdade é à escola que pertence fazer a introdução das crianças e jovens à cultura motora e à formação e orientação desportiva, pois é na idade escolar que se formam interesses, com raízes sólidas e duradoiras, os quais devem ser as bases para uma prática que perdure para toda a vida.

Atualmente no sistema educativo português, em articulação e complementaridade com a educação física surge o Desporto Escolar (DE) que no artigo 5.º - do Decreto-lei n.º 95/91, de 26 de fevereiro, foi definido, como sendo

" (...) o conjunto das práticas lúdico-desportivas e de formação com objeto desportivo, desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de atividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo".

O DE constitui uma das vertentes pedagógicas do Ministério de Educação e Ciência (MEC) com maior transversalidade no sistema educativo, pois desenvolve atividades desportivas de complemento curricular, intra e

interescolares, com a participação da maioria das escolas de ensino público, particular, cooperativo e profissional. O programa do DE, enquadra-se por vários objetivos, nomeadamente:

- Melhorar a qualidade da educação;
- Aumentar as oportunidades de prática desportiva de qualidade;
- Aumentar o sucesso escolar;
- Formar mais e melhores praticantes;
- Garantir a igualdade de oportunidades;
- Aumentar a visibilidade das boas práticas;
- Melhorar os métodos de ensino/aprendizagem;
- Adaptar as ofertas às necessidades;
- Criar instrumentos facilitadores da inclusão;
- Melhorar a imagem e divulgação do DE;
- Valorizar a formação profissional;
- Potenciar projetos estruturantes em parcerias;
- Desenvolver tecnologias de apoio;
- Implementar um sistema de informação e comunicação.

Esta prática de desporto escolar segue a premissa do “desporto para todos” é mais atualizado no despacho n.º 9302/2014, onde é mencionado como um programa que fomenta a introdução à prática desportiva e à competição, quer enquanto estratégia de promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis. A oferta desportiva no âmbito do programa desporto escolar, desenvolve-se a 4 níveis:

I. num conjunto de atividades que visam a promoção e divulgação desportivas (organizada na continuidade dos conteúdos curriculares da EF)

II. em atividades de treino desportivo regular de grupos – equipas e de competição desportiva interescolar formal (organização: local, regional, nacional, internacional)

III. em atividades de aprofundamento da prática desportiva, treino e competição, interescolar formal (organização: local, regional, nacional, internacional), em modalidades e grupos – equipas de elevado potencial desportivo;

IV. nos centros de formação desportiva – polos de desenvolvimento desportivo, dinamizados por agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, em parceria com federações (...).

No regulamento do programa de desporto escolar a idade de participação das crianças tem vindo a diminuir, pelo facto de mais recentemente terem aberto a possibilidade de participação a partir das práticas da educação física, que corresponde ao nível I de atividade e que envolverá crianças mais novas. As crianças e jovens integradas no desporto escolar poderão ter idades a partir dos 8 até aos 20 anos e, incluídos num grupo-equipas, poderão participar no seu escalão até num máximo de duas modalidades oferecidas, de cinco áreas em que se organizam as modalidades: coletivas, individuais, náuticas, gímnicas e alunos com necessidades educativas especiais.

Os clubes de desporto escolar (CDE) são técnica e pedagogicamente geridos por professores com formação em educação física da escola ou agrupamento de escola. Os responsáveis por um grupo-equipa também deverão possuir uma formação técnica qualificada, reconhecida e certificada pela federação da respetiva modalidade, ou

poderão propor-se mediante análise do seu *curriculum vitae*, sendo a carga horária atribuída integrada na sua componente letiva e não letiva na escola.

As competências desta direção são inúmeras e, em prol das boas práticas para as crianças e jovens, deverão:

- garantir que as condições para o desenvolvimento das atividades do CDE, designadamente acesso aos espaços, equipamentos e materiais adequados para o treino e a competição dos grupos-equipa;
- organizar os horários de modo a permitir que os treinos tenham a duração de 2 tempos letivos por semana, sem serem oferecidos em dias consecutivos;
- divulgar a oferta desportiva na escola no ato da matrícula e renovação da matrícula;
- vincular os grupos-equipa à participação obrigatória nos eventos que constem do plano de atividades da Coordenação Regional/Nacional do Desporto Escolar; campeonatos escolares, encontros e convívios, etc.
- assegurar que todos os alunos inscritos em grupos-equipa; comprovaram a aptidão para a prática da respetiva modalidade, por via de atestado médico arranjado pela família.

Por meio da educação física e desporto escolar o envolvimento da crianças e jovens em práticas físicas e desportivas torna-se gratificante, sobretudo em momentos em que eles tendem a ter uma vida mais passiva. Assim sendo, sugerimos que se voltem a pensar algumas das estratégias a desenvolver nas “escolas” de forma a proporcionar aos alunos (independentemente da sua origem, cultura, condição social, idade e género) uma aprendizagem

de novos comportamentos, em consonância com os seus interesses e a necessidade atual de se criarem as condições adequadas para que possam ter no futuro uma vida salutar e mais ativa no âmbito da atividade física e desporto.

(Re)Pensar as práticas físicas e desportivas a desenvolver na escola: Os Açores, um modelo de boas práticas

Curiosamente, a Região Autónoma dos Açores (RAA), foi pioneira na promoção do desporto escolar em idades mais baixas, com o Programa de Animação e de Desporto Escolar: Projeto Escolinhas do Desporto, nas vertentes de animação e de iniciação desportiva, implementado na última década, isto é desde 2003. Também neste arquipélago de nove ilhas, a prática da educação física escolar nas primeiras idades, educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico é “suis generis” e, ao contrário do resto do país, esta região oferece uma educação escolar na infância reforçada e que tem sido um modelo de boas práticas. Não só o parque escolar desportivo é digno de registo, como existe uma componente curricular da prática física e desportiva lecionada por professores especialistas, fortalecida com práticas extra curriculares de animação e iniciação desportiva de um bom nível educacional.

Com esta comunicação iremos desenvolver aqui alguns momentos de reflexão, com o intuito de se repensarem algumas das estratégias de implementação de práticas físicas e desportivas que se têm desenvolvido junto das “escolas” de forma a proporcionar às crianças e jovens o direito a uma educação reforçada com a vertente da cultura física e desportiva, em consonância com os seus

interesses e necessidades. Assim, realçaremos estas ações levadas a cabo na última década, como verdadeiras estratégias que promovem um conjunto significativo de comportamentos e atitudes que pressupõem que se estimule, oriente e apoie as crianças e jovens do século XXI para numa maior adesão à prática física e desportiva.

Sobre este assunto, realçaremos algumas das investigações e ações, realizadas na RAA que, direta ou *indirectamente*, foram da responsabilidade do Governo Regional dos Açores (GRA). O Sistema Desportivo na RAA, rege-se pela Lei de Bases da Atividade Física e Desporto - Lei n.º 5/2007, de 16 de janeiro, que apresenta princípios fundamentais à vida insular: universalidade e igualdade; coesão e continuidade territorial; coordenação, descentralização e colaboração; e, outros, fundamentais à prática desportiva: a Ética Desportiva.

A nova lei de bases contempla o cadastro e registo de dados, que permitem o conhecimento de diversos fatores de desenvolvimento desportivo, nomeadamente: instalações desportivas; espaços naturais de recreio e desporto; associativismo desportivo; hábitos desportivos; condição física das pessoas e enquadramento humano. Para (re) pensar estratégias qualitativas de intervenção, iniciaremos com a apresentação e análise de dados obtidos em algumas temáticas, tais como:

- a. hábitos de prática e a condição física da população infantojuvenil – a partir da análise de cadastro de dados de investigações realizadas na RAA;
- b. o parque desportivo escolar – representatividade na Carta das Instalações Desportivas Artificiais da RAA;
- c. consequências do desporto escolar infantil nas escolas da RAA – testemunhos de familiares e professores de EF.

Desde o início do novo milénio, os dados de pequenas pesquisas realizadas na RAA permitem aduzir factos que são reveladores da dura realidade: a formação das crianças e jovens em práticas físicas, de lazer ou desportivas, ainda não está suficientemente desenvolvido. Muito embora haja um franco investimento, a rede que envolve a criança/ jovem na sociedade atual, não tem ainda uma malha coesa e regular, que permita garantir no futuro próximo a participação mais regular do cidadão comum em atividades de lazer e desporto.

Duas pesquisas realizadas por Diniz et al. (2001) e por Maia et al. (2002), envolvendo crianças do 1º ciclo do ensino básico da RAA, foram conclusivas quanto à necessidade de se reforçar o trabalho na aptidão física e na capacidade coordenativa destas crianças sugerindo um reforço de prática no contexto escolar, especialmente nas atividades formais.

Pensamos que o papel ativo que as crianças têm nas atividades motoras organizadas, independentemente da idade, é um fator indutor a acontecimentos e interações que surgem no decorrer das mesmas. Os comportamentos que advêm suas experiências interagem com as suas expectativas, atitudes e auto-orientação para a prática de atividade física.

Um estudo efetuado por Condessa (2003) com alunos do arquipélago de níveis de ensino subsequentes (4199 alunos dos ensinos básico – 2.º e 3.º ciclo, e secundário) apresentou dados sobre a existência de uma representação positiva das crianças e jovens sobre as aulas de educação física e o seu ambiente de aprendizagem. De um modo geral, os alunos gostam das aulas e das matérias, contudo, o fator idade e género demonstrou ser relevante

quanto ao nível de interesse e adesão às práticas de modalidades, havendo nos alunos mais velhos, e sobretudo nas raparigas, um aumento gradual do desinteresse. Aqui, das modalidades que integram o currículo desportivo da educação física, as crianças e jovens preferem as atividades coletivas de jogo e que aparecem ordenadas da seguinte forma, por ordem crescente de preferência: andebol, basquetebol, voleibol e futebol.

Em 2008, na *Carta da Condição Física dos Cidadãos da RAA*, foram analisados os inquéritos aplicados a 1272 jovens, de 15 a 19 anos, dos quais apenas 48% referiu praticar uma atividade física de lazer ou desportiva. Destes, foram os rapazes que apresentavam uma maior adesão às atividades desta natureza (mais 40,4% do que as raparigas da mesma idade). Quando em 2011, os censos apontam para que nos açores 24,8% da população eram crianças e jovens, muito há ainda a fazer e o aumento de prática de atividade física e desportiva regular. Pelo reforço educativo, pela garantia de um maior índice de saúde física e mental, este investimento terá um elevado retorno.

Da análise da carta das instalações desportivas artificiais, publicada pelo GRA em 2009, seleccionámos a informação referente ao investimento num conjunto de espaços artificiais ou equipamentos. Os equipamentos desportivos artificiais, existentes na maioria das escolas, são os que contemplam *Equipamentos de Base* – Recreativos (jogos e recreação) e *Formativos* (formação desportiva e jogos); e, *Equipamentos Especiais* – Especializados (atividades específicas e formação especializada) e de *Espetáculo* (competição de alto rendimento).

Desde há quinze anos atrás a região viu aumentar muito o seu parque de instalações desportivas (ID), vendo duplicar esse número (1996 – 427 ID; 2009 – 807 ID). Contudo, dificuldades devido ao valor excessivo de

manutenção fazem com que muitos destes espaços sejam abandonados (manutenção de piscinas).

Os equipamentos desportivos artificiais que se destinam por ora à preparação desportiva de base na RAA eram em 2008, nomeadamente: 94 “Grandes Campos de Jogos”, 322 “Pequenos Campos de Jogos”; 19 “Pistas de Atletismo”; 62 “Pavilhões Desportivos Polivalentes”; 146 “Salas de Desporto”; 25 “Piscinas Cobertas”; 28 “Piscinas ao Ar Livre”; 111 “Outros”/Espaços Especializados (campo de golfe, campo de tiro, circuitos de manutenção).

Os equipamentos desportivos artificiais, existentes na maioria das escolas da RAA e mais utilizados pelos alunos representam 24,8% da ocupação realizada pela população, sendo a restante taxa utilizada por outros utentes.

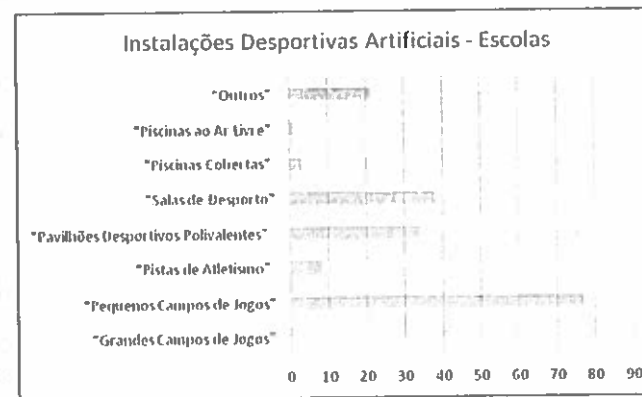


Figura 1 – Distribuição das Instalações Desportivas Artificiais – Escolas da RAA

Como se pode observar, sobressai a maior ocupação dos campos de jogos (42%), das salas de desporto (21%) e dos pavilhões desportivos (19%) por parte das crianças e jovens, relevando de imediato uma maior adesão às atividades e desportos coletivos. Com valores mais baixos

surge a utilização das piscinas, que tem uma taxa de utilização baixa, sendo um fator a acrescentar ao problema de existir um número de piscinas muito abaixo do desejável.

Embora nos locais de habitação, localizados perto das escolas, existam espaços, parques infantis, jardins, relvados ou quintais, e as escolas tenham recreios, foi graças ao aumento da construção de muitos espaços (salas de desporto), que na RAA se apostou num forte incremento de atividade física na população escolar (Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico) viabilizando a organização e dinamização de práticas curriculares e as extracurriculares.

Por fim, iremos dedicar esta nossa última análise ao Programa Escolinhas do Desporto, implementado na última década na RAA, mais propriamente desde 2001/02, que pretende desempenhar um verdadeiro papel educativo, (in)formando na cultura desportiva as crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, já que foi inicialmente introduzido nas escolas como complemento à educação física.

O intuito primordial deste programa é, o de :

- a) incentivar, desde cedo, à prática do desporto;
- b) reforçar a importância do desporto quer para o desenvolvimento global e harmonioso das crianças, quer como fator potenciador de um estilo de vida ativo e saudável.

Atualmente, o apoio destas atividades tem enquadramento legal no artigo 70.º do Decreto Legislativo Regional n.º 21/2009/A alterado em 2012, pelo DLR n.º2. No último ano (2013/14) na ilha de São Miguel e registámos uma grande adesão por parte das crianças das escolas, públicas ou privadas. Realçamos que este programa, antecipa o que a nível Nacional foi integrado no despacho

n.º 9302/2014, no primeiro nível de oferta desportiva no âmbito do programa desporto escolar, no conjunto de atividades que visam a promoção e divulgação desportivas e que são organizadas na continuidade dos conteúdos curriculares da EF.

Como podemos ver, na tabela 1, registámos no último ano um vasto leque de ofertas (16) em modalidades coletivas, individuais, ao ar livre, de dança e atividades ritmo-expressivas, com uma adesão de cerca de 2077 crianças, integradas em 165 núcleos. Com duas vertentes, de animação ou de iniciação desportiva, os treinos realizam-se pelo menos uma vez por semana, sendo normalmente de duas vezes, e têm uma duração aproximada de 60 minutos cada.

Tabela 1 - Oferta Desportiva nos Programas de Desporto Escolar RAA - 2013/14

Modalidade	Núcleos		Praticantes	
	N	%	N	%
Xadrez	1	0,61	10	0,48
Atividades Ritmo-expressivas	9	5,45	194	9,34
Patinagem	9	5,45	96	4,62
Atletismo	9	5,45	99	4,77
Natação	19	11,52	227	10,93
Judo	4	2,42	46	2,21
Escalada	9	5,45	99	4,77
Ciclismo	1	0,61	10	0,48
Golf	5	3,03	58	2,79
Ténis de Mesa	5	3,03	58	2,79
Ténis	14	8,48	178	8,57
Badminton	6	3,64	67	3,23
Andebol	5	3,03	74	3,56
Basquetebol	17	10,30	192	9,24
Voleibol	28	16,97	381	18,34
Futebol	24	14,55	288	13,87

Nos núcleos, abertos com um mínimo de 10 crianças e que devem ocorrer em pelo menos 8 meses por ano, são na sua maioria de modalidades que iniciam os desportos coletivos e/ou jogo (62,4 % da totalidade dos praticantes, sendo que 45% inicia-se nos desportos coletivos tradicionais – voleibol, futebol, basquetebol e andebol). Curioso é ver que não é oferecido qualquer núcleo de ginástica, ao contrário do definido no desporto escolar nacional. De facto, a ausência desta modalidade nas práticas físicas e desportivas na região é uma tendência, pois num estudo realizado com numa escola secundária da ilha, a ginástica foi percebida pelos professores de EF como sendo uma área de menor interesse dos alunos (PACHECO; CONDESSA, 2012).

Em termos gerais, na opinião de alguns dos professores de EF, responsáveis por pelo menos por um núcleo, o programa é bom porque *“Há bastante aderência ao projeto por parte das crianças”* (Prof. A, 2014) e as crianças demonstram estar muito envolvidas. Realmente este projeto parece mobilizar aproximadamente 20% da população das crianças da ilha que se encontram neste escalão etário. Mesmo assim, registam-se algumas desistências que afetam sempre a manutenção do núcleo, como nos diz um desses professores *“O projeto foi desenvolvido com muita intencionalidade e satisfação, contudo houve algumas desistências ao longo do ano que não conseguimos recuperar.”* (Prof. C, 2014).

As crianças participam em cerca de cinco eventos organizadas anualmente pelo grupo escolar desportivo, pela associação desportiva e/ ou autarquia, e pela coordenação de educação física e desporto da ilha, uma vez por ano. No decorrer de todas as atividades dinamizadas pelo programa verifica-se que as crianças, para além de iniciarem

a prática de uma modalidade desportiva, tiveram oportunidade de vincar a educação da disciplina com um forte contributo para a formação da sua personalidade. Deste modo, os professores mediadores destas atividades consideraram-se sensíveis à importância de contribuir para os interesses e necessidades do grupo com que trabalham, possibilitando a participação ativa das crianças e ao seu nível de satisfação - na procura do bem estar e do divertimento; à integração no grupo/ equipa e à interação estabelecida com os pares; e, por fim, mas não menos importante, à possibilidade de realizarem competição.

A relação da escola com a autarquia e as associações desportivas, que inicialmente caracterizavam as iniciativas no âmbito deste projeto, parecem-nos agora mais reduzidas, sendo que o professor que dinamiza o núcleo é muitas vezes o elo de ligação entre estas organizações. Por outro lado nem sempre o nível de satisfação é elevado mas conforme se pode atestar por este testemunho de um professor *“Poderia ser muito mais satisfatório se tivesse acesso a outras condições de trabalho e/ ou materiais.”* (Prof. B, 2014). Matias e Condessa (2011), num estudo realizado na ilha de São Miguel, determinaram que quem leciona a EF às crianças mais jovens (até 10 anos) nem sempre tem boas condições de trabalho, que deixam muito a desejar quanto à qualidade e variedade de recursos físicos e materiais, contudo tem-se realizado muitos investimentos ao nível das instalações desportivas.

Para estes professores, seria preferível que estes núcleos, inseridos no programa, fossem da iniciativa da própria escola e não das associações desportivas que incentavam e asseguram a sua existência: *“O estabelecimento de um protocolo previamente definido com as escolas onde*

se pretende desenvolver a atividade, tornando todo o processo mais organizado, pois são os professores que tem de andar de escola em escola a procurar onde podem aplicar a atividade” (Prof. C, 2014).

Considerações finais

A prática de uma atividade física e desportiva é um elemento essencial ao desenvolvimento sustentado de uma sociedade, onde a criança e o jovem devem ser os elementos centrais. Assim, deve-se atribuir à “escola”, numa perspetiva presente e futura, um maior papel de orientação e de intervenção na atividade física e educação desportiva, assegurando a igualdade de oportunidades, numa participação ativa em práticas possam abrir no futuro oportunidades para uma vida salutar e mais ativa no âmbito do desporto.

Sugerimos algumas estratégias a desenvolver nas “escolas” de forma a proporcionar aos alunos uma aprendizagem de novos comportamentos, em consonância com os seus interesses e a necessidade atual, deixando o exemplo de estratégias adotadas nos açores para implementação junto da população de algumas políticas. Dentre as estratégias propostas, destacam-se o reforço de infraestruturas básicas para a prática da educação física e desporto nas escolas básicas; a mobilização e reforço de um programa de desporto escolar dirigido e adaptado à população mais jovem, como estratégia de “boas práticas” na promoção do sucesso educativo e de estilos de vida saudáveis.

Referências

CAMPOS-DE-CARVALHO, M. A Metodologia do Experimento Ecológico. In: PINHEIRO, J.Q.; GUNTHER, H. **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. 1 Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 11-52.

CONDESSA, I. A Percepção dos Alunos sobre o Ambiente de Aprendizagem nas Aulas de EF e Crenças sobre o Comportamento Disciplinar. In: CONDESSA, I.; REGO, I.; CALDEIRA, I. (Eds.) **A Indisciplina nas Aulas de Educação Física – Crenças de Professores e de Alunos: Um Estudo nas Escolas dos Açores**. Açores: U.Açores e DREFD, 2003. p. 115-133.

CONDESSA, M. I. A Atividade Física Curricular e extracurricular nas Escolas do 1º Ciclo de Ponta Delgada. I: PEREIRA, B.O; CARVALHO, G.S. (Orgs.). **Atividade Física, Saúde e Lazer: Modelos de Análise e Intervenção**. Porto: LIDEL, 2008. p. 347- 357.

DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL n.º 2/2012/A. D.R. n.º 9, Série I de 2012-01-12.

DECRETO LEGISLATIVO REGIONAL n.º 21/2009/A. D.R. n.º 9, Série I de 2009-12-02.

DECRETO-LEI n.º 95/91, de 26 de fevereiro.

DESPACHO n.º 9302/2014, de 17 de julho.

DINIZ, J.; ONOFRE, M. S.; CARVALHO, L. M.; MIRA, J. T.; CARREIRO DA COSTA, F. **A Educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico na Região Autónoma dos Açores**. Açores: Direcção Regional da Educação Física e do Desporto, 2001.

DIREÇÃO REGIONAL DO DESPORTO. **Carta da Instalações Desportivas Artificiais da Região Autónoma dos Açores**. Angra do Heroísmo: DRD-RAA, 2008.

FONSECA, A.; MAIA, J. **A Motivação dos jovens para a prática desportiva federada**. Lisboa: Edição do Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2000.

GALLAHUE, D. L. Desenvolvimento motor e aquisição da competência motora na educação de infância, In: SPODEK, B. (Org.). **Manual de Investigação em Educação de Infância**. Lisboa: FCG, 2002. p. 49-84.

GRAHAM, G.; HOLT-HALE, S. A.; PARKER, M. G. *Children moving: a reflective approach to teaching physical education*. 7th Ed. New York : McGraw-Hill, 2007.

HAHN, E. **Entrenamiento com niños. Teoria, prática, problemas específicos**. Barcelona. Espanha: Edições Martinez Roca, 1988.

HAYWOOD, K.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento Motor ao Longo da Vida**. 3ªEd. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEI DE BASES DA ATIVIDADE FÍSICA E DESPORTO. Lei n.º 5/2007 de 16 de janeiro.

LEI n.º 74/2013, de 6 de setembro. Diário da República n.º 172, Série I, de 06-09-2013.

MAGILL, R. **Motor Learning: concepts and applications**. 3 ed. Dubuque IA: Wm. C. Brown, 1989.

MAIA, J. LOPES, V. P. **Estudo do crescimento somático, aptidão física, actividade física e capacidade de coordenação corporal de crianças do 1º ciclo do ensino básico da Região Autónoma dos Açores**. Porto: DREFD, DRTC e FCDEF – UP, 2002.

MARTIN, L. Context of Schools. In: SILVERMAN, S.; ENNIS, C. (Eds.). **Students Learning in Physical Education: Applying**

research to enhance instruction. 2 Ed. Champaign: Human Kinetics, 2003. p.43-66.

MATIAS, H.; CONDESSA, I. The Curricular Physical Education in the Primary School: Analyze a context of teaching. In: LIBRO DE ACTAS CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN INTERNACIONAL DE ESCUELAS SUPERIORES DE EDUCACIÓN FÍSICA. Coruña. **Proceedings, Colección Congressos**, España: Ed. y Centro de Formación Alto Rendimiento, 2011. 543 p.

MELO DE CARVALHO, A. Para um Desporto Verdadeiramente Educativo. **Revista Gymnasium**, ano 3, p. 13-33, 2010.

METZLER, M.W. **Instructional Models for Physical Education**. 2 ed. U.S.A.: Holcomb Hathaway, 2005.

MOTA, J.; SALLIS, J. **Actividade Física e Saúde: Factores de Influência da Actividade Física nas Crianças e nos Adolescentes**. Porto: Campo das Letras, 2002.

NETO, C. **Motricidade e Jogo na Infância**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

PACHECO, C.; CONDESSA, I. A educação física no ensino secundário: compreender as atitudes para pensar a mudança. Um estudo de caso. In: CONDESSA, I. C.; PEREIRA, B. O.; CARVALHO, G. **Actividade Física, Saúde e Lazer: Educar e Formar**. Braga: CIEC, 2012. p. 147-158.

ROBERTON, M. Changing motor patterns during childhood. In: THOMAS, J. R. (Ed.). **Motor development during childhood and adolescence**. Minneapolis: Burgess. 1984. p. 48-90.

ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM, K. S.; SILVA, M. C.; CARVALHO, A. M. A. **Rede de Significações e o estudo do Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANTOS, R.; MOREIRA, P.; MOTA, J. **Carta de Condição Física dos Cidadãos da Região Autónoma dos Açores**. Porto: U. Porto e DRD, 2008.

SCHMIDT, R. **Motor control and learning. Behavioural Emphases**. 2 Ed. Champing: Human Kinetics, 1988.

SÉRGIO, M. **A Pergunta Filosófica e o Desporto**. Lisboa: Compendium, 1991.

SÉRGIO, M. **Textos Insólitos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

SOBRAL, F. **O Adolescente Atleta**. Lisboa: Coleção Horizonte de Cultura Física, 1988.

THOMAS, J.; GALLAGHER, J.; THOMAS, K. Motor development and skill acquisition during childhood and adolescence. In: SINGER, R; HAUSENBLAS, H.; M.JANELLE, H. (Eds.). **Handbook of Sport Psychology**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 2002. p. 20-52.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e do Desporto**. 1978. Disponível em: www.idesporto.pt/DATA/DOCS/LEGISLACAO/doc119.pdf. Acesso em: 22 mar. 2008.



O ensino dos esportes por competências: proposta pedagógica do Instituto Guga Kuerten na perspectiva dos quatro pilares da educação

Valmor Ramos

Jeferson Rodrigues de Souza

Marcelo Bittencourt Neiva de Lima

Vinicius Zeilmann Brasil

Ciro Goda

451

Introdução

Considerando as características das sociedades contemporâneas, sua extrema mobilidade, seu acelerado ritmo de transformações em todos os setores, sua diversidade e complexidade e ainda, o impacto dessas transformações na educação das novas gerações, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criou em 1993 a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Formada por especialistas em educação de vários países,